

**42º Encontro Anual da Anpocs – Caxambu (MG)**

**SPG 18: Família, migrações e trabalho**

**Ferrovários natos e ferroviários por acaso: memórias familiares do trabalho**

Guillermo Stefano Rosa Gómez<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Doutorando no Programa de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pesquisador associado do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/PPGAS/UFRGS).

## Resumo

Este texto apresenta resultados de uma investigação etnográfica sobre a memória coletiva do trabalho ferroviário, fundamentada nas narrativas de trabalhadores/as da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. A problemática central foi compreender as estratégias de manutenção das “identidades de si” frente a ruptura dramática com o universo laboral, figurada pela crise do transporte ferroviário no Brasil. Interessaram as formas pelas quais os/as trabalhadores/as faziam durar seus vínculos com o modo de vida ferroviário. Dentre estes esforços de duração, a categoria família teve um papel preponderante e ambivalente enquanto potência narrativa dos relatos de inserção na profissão. Ela surgiu enfatizando o pertencimento hereditário à linhagem de trabalho – sintetizado pelo conceito de “sangue ferroviário” – ou mesmo sendo *rejeitada narrativamente*, por meio das expressões: “não tinha nenhum ferroviário na minha família” ou “me tornei ferroviário por acaso”. Este espaço de problemas congrega em si o declínio da profissão ferroviária e a transformação drástica das formas de arranjos familiares (e do valor de “ser ferroviário”), bem como dos dispositivos de organização empresarial.

**Palavras-Chave: Antropologia do Trabalho; Etnografia da Duração; Família; Ferroviários**

### 1 - Um estudo de memória coletiva

Este texto é resultado de uma investigação sobre memória coletiva do trabalho ferroviário na cidade de Pelotas/RS, baseada na escuta etnográfica das narrativas dos trabalhadores/as ferroviários/as aposentados, temática abordada em minha dissertação de mestrado defendida no PPGAS/UFRGS (GÓMEZ, 2018), sob orientação de Cornelia Eckert<sup>2</sup>. Amparado pelo conceito de *crise* proposto por Eckert (2012) e sob a égide do pertencimento teórico à Etnografia da Duração (ROCHA & ECKERT, 2013), refleti sobre as transformações *do e no* mundo do trabalho ferroviário e da “lenta agonia” no processo histórico de opção pela matriz rodoviária em detrimento da ferroviária, que teve como ápice a privatização da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), no final da década de 1990. Este acontecimento gerou demissões em massa e aposentadorias prematuras, convergindo na desestabilização dos estáveis: a RFFSA, em seu auge, contava com quase 160 mil trabalhadores (AMORELLI, 2003). Em 1995, tinha 41.991 funcionários, com a meta de desligamento de 18.047, o equivalente a 43% (NUNES, 2003 p.87). A Rede concedia aos trabalhadores diversos benefícios sociais, como cooperativas de consumo, previdência própria, escolas para os filhos dos funcionários, clubes de lazer, habitações, etc. Também mantinha uma política institucional de incentivo a longa permanência, a manutenção de uma carreira, como a promoção por tempo de trabalho. Essa são características consideradas pela literatura como parte de uma política paternalista (LORD, 2002), de adestramento da mão de obra (SEGNINI, 1982) e que também indicam uma notável fusão entre os universos de trabalho e de vida, fomentando um profundo envolvimento dos trabalhadores com sua profissão. O desmantelamento do

---

<sup>2</sup> A dissertação está disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/179424>

setor ferroviário brasileiro impactou diretamente nesse “enraizamento” (ECKERT, 2012) dos trabalhadores aposentados e de suas famílias.

Visando me dedicar a essa problemática, propus realizar uma antropologia das apresentações de si, para a qual a “identidade narrada” (RICOEUR, 1991), representada pela “singularidade pela qual os entrevistados dão conta da sua posição no mundo” (DÍAZ, 1999 p.38) é fundamental. Os sujeitos de pesquisa – com faixa etária de 60 a 80 anos – passavam por um processo que fazia coincidir o envelhecimento, a aposentadoria e o “fim” da profissão. Buscando investigar esta condição múltipla, fiz a proposta do termo “Etnografia da Crise”, entendendo “crise” enquanto uma desordem nos tempos vividos pela comunidade de trabalho. Se o universo laboral organizava a rítmica da vida, dentro e fora dos espaços de trabalho, a crise se apresentava como uma ruptura dramática e a elaboração de narrativas enfrentava dificuldades emocionais e intelectuais peculiares a esse contexto. A literatura sobre crises econômicas, enquanto eventos subjetivamente traumáticos, está permeada por um dilema, como adverte Ortner (2016): pode-se cair em um *voyeurismo* das formas de exploração e das experiências de sofrimento, ignorando os valores, os sentimentos e a imaginação dos atores. O caminho escolhido, diante deste espaço de problemas, foi a filiação à Etnografia da Duração (ROCHA & ECKERT, 2013).

A duração é obra e um esforço das consciências. Esta obra se efetiva na mobilização narrativa de uma identidade para o si mesmo, nas criatividades da recuperação dos tempos vividos e ritmados nos atos de “falar de si”. A Etnografia da Duração parte da premissa do caráter descontínuo do tempo e da raridade da memória, elementos discutidos na filosofia de Bachelard (1988). De acordo com o autor, o ato de lembrar é denso e *raro*. Por intermédio dele, a consciência se organiza “compondo o passado tal como uma construção literária” (BACHELARD, 1988, p.52). Este projeto de continuidade toma consistência, enquanto uma “identidade de si” (RICOEUR, 1994), mediante a utilização do “caráter declarativo” da memória, a narratividade. Assumindo que “os tempos de crise não são vazios de significação” (ECKERT, 2012, p.119), busquei me aproximar das “crises vividas e narradas”, incorporadas nas dramaticidades cotidianas dos aposentados.

Ao longo da pesquisa de campo comecei a perceber que, tanto a narrativa do pertencimento como a narrativa da crise estavam associados, bastante predominantemente, às relações do trabalho com a família. Esse vínculo aparecia tanto como orgulho de apresentar a si mesmo associando-se com a profissão ferroviária, como a crítica ao familismo da empresa. Assim o presente artigo desdobra algumas das relações

entre a memória do trabalho ferroviário, o desmantelamento desse modo de transporte no Brasil e a profunda identificação dos trabalhadores e famílias com sua profissão.

## **2 - Duração e família: Narrativas de inserção**

Não há como não falar em família ao abordar a temática ferroviária, seja pelas políticas institucionais que aproximavam a casa o cotidiano e o privado do mundo do trabalho, sejam pelas políticas de admissão baseadas na familiaridade e no parentesco, ou, ainda, pelas metáforas familiares mobilizadas pelos trabalhadores para fazer referência à descontinuidade laboral, como as de “órfão” (RAPKIEWICZ, & ECKERT, 2015) e de “viúvo”. Percebendo esses indícios, aliei a perspectiva da duração e da memória, um olhar “domesticado pela teoria” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006) dos estudos de família e parentesco, considerando o/a narrador/a também um “ego”, termo latino “que designa, convencionalmente, o sujeito, o indivíduo de referência, na descrição das relações de parentesco” (AUGÉ, 2003, p. 59). A abordagem se aproxima com a teoria clássica de rede social, bastante utilizada nas pesquisas urbanas:

“Podemos definir uma rede ancorando-a em um ponto particular na estrutura dos relacionamentos sociais, tal como em um indivíduo ou em ambas as partes de uma díade específica, e se deslocar para fora a partir dali até o ponto em que isso pareça necessário ou útil. Isso é o que é chamado uma rede pessoal ou egocentrada” (HANNERZ, 2015, p. 193).

Se na família as posições são assimétricas e os talentos e papéis atribuídos são construídos e negociados coletivamente, ao termos a interpretação em alguém específico, estamos esboçando relatos de um determinado ponto de vista. Este ponto de vista, que corresponde a uma posição diferencial dentro do núcleo familiar, faz com que a família ferroviária possa ser narrada de uma multiplicidade de formas. É claro que está colocado, com bastante destaque, o recorte de gênero, como apresentarei a seguir. Além disso, me pareceu interessante como as narrativas que esboçam um “orgulho”, um princípio de distinção que agia na manutenção de uma memória particularizada, vinculado com um sentido de “ser ferroviário” era multiplicado de sentidos, principalmente na fala feminina.

De acordo com Pierre Bourdieu (1997), a família é uma ficção muito bem construída: não há “nada mais natural do que a família” e, ao mesmo tempo, ela depende de um “trabalho constante de manutenção de sentimentos” (BOURDIEU, 1997, p. 129), que é tanto simbólico como prático. Assim, se o que considere “o talento ferroviário” –

que para Bourdieu seria interpretado enquanto um capital simbólico transmitido<sup>3</sup> – é algo constituinte das identidades familiares, me coube atentar para a maneira como ele era mantido, por meio do esforço dos sujeitos nos atos narrativos.

Refleti sobre o papel do “sangue ferroviário” e de sua crítica para a maneira como a condição familiar de “ser ferroviário” era produzida. Como os aposentados faziam durar no tempo os pertencimentos familiares, como estes eram constitutivos das identidades narradas e, ainda, de que maneira auxiliavam a resistir a descontinuidade da crise foram algumas perguntas norteadoras. Aspectos recorrentes na manutenção dessa ficção familiar e laboral do pertencimento à profissão são o que delineei enquanto *narrativas de inserção*, isto é formas de apresentação autobiográfica que articulavam diferentes maneiras de “tornar-se ferroviário”. Organizei estas narrativas em duas *constelações*<sup>4</sup>: as que manifestavam o “sangue ferroviário”, os ferroviários natos e as dos “ferroviários por acaso”.

### 3 - Ferroviários natos

A primeira dessas constelações diz muito sobre o modelo de organização do trabalho ferroviário brasileiro. A Rede Ferroviária Federal (RFFSA) e, antes dela, a Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), mobilizava uma série de dispositivos que fundem o mundo do labor com o do lazer. Como aponta Leite Lopes, o que acontecia era a

penetração da esfera do trabalho na esfera doméstica do operária, sob a forma da mesma autoridade da administração da usina exercida na fábrica e na vila operária em território da usina (LEITE LOPES, 1978, p. 151).

Ao mesmo tempo em que podem ser interpretados como um sistema de patronato empresarial e de exercício da “disciplina empresarial” (PALERMO, 2017), essa relação de proximidade é incorporada enquanto valor narrativo do “ser ferroviário”. Estas formas assistenciais são lembradas com muito afeto, transformadas em valores positivos para uma narrativa. Ter um emprego e ser ferroviário significava ter esses múltiplos benefícios:

É preciso lembrar também que, durante quase todo o século 20, a maior aspiração de grande parte da população brasileira, sobretudo nos pequenos centros urbanos do interior do país, era arrumar um emprego público, preferencialmente federal (SANTOS & ZANINI, 2012, p.291).

---

<sup>3</sup> Para Bourdieu é a família o “sujeito principal das estratégias de reprodução” (1997, p. 131).

<sup>4</sup> O conceito de constelação, por sua vez, é herdado dos escritos de Gilbert Durand (1980). De acordo com os ensinamentos de Durand e da leitura de Rocha & Eckert (2013) deste autor, a memória é constituída de imagens e estas convergem em direção de outras, formando constelações.

Selecionei algumas das imagens que constelam esse envolvimento.



Figura 1: Imagem que circula em grupos ferroviários no Facebook e no Whatsapp – coletada em 11/01/2018 (esq.); Papai Noel chegando de trem (dir.).  
Fonte: Acervo Pessoal de Mozart Medeiros.

Um signo que mostra certo deslumbre e que associa a condição da empresa enquanto beneficiária, é a narrativa do Natal. A foto, icônica, do Papai Noel chegando de trem. Subjetivamente, as formas de narrar este pertencimento fazem menção ao “sangue ferroviário” (RAPKIEWIECZ & ECKERT, 2015). É o que delinea a identidade narrativa de alguém que esteve desde pequeno “na lida”:

Eu fui ferroviário desde que nasci, nasci em cima da Rede, comi a bóia da Viação Férrea toda vida (...) sempre morei no meio dos trilhos (...) me criei, peguei na Rede e me aposentei na Rede. Então, sou um ferroviário nato. Saí da barriga da minha mãe ferroviária já. Nato. (MOZART MEDEIROS - - Julho de 2015).

Intencionalmente, dou início essa constelação com uma biografia feminina, dado que a profissão ferroviária era majoritariamente masculina e o talento profissional era reservado aos homens. Apresento Anabela, oitenta anos, moradora de Pelotas, filha e neta de ferroviários.

### 3.1 – Anabela

Fui recebido no apartamento de Anabela no centro da cidade de Pelotas e sentamos ambos na mesa da cozinha e conversamos sobre os assuntos do encontro anterior, no qual havíamos sido apresentados por um jornalista aposentado. Versamos,

principalmente, sobre os talentos rememorativos de Anabela. Sua narrativa começou em um registro de pertencimento coletivo e familiar. Uma menção às histórias das pessoas e dos sobrenomes, elementos que iriam reaparecer nas outras entrevistas ao longo da pesquisa.

Eu vou fazer oitenta anos agora mês de março, dia 25, e eu me lembro de coisas quando eu tinha três anos de idade! Eu tenho uma memória muito boa para essas coisas, coisas que me chamavam atenção. Eu era criança, havia de ser uma criança esperta, metida [risos]. Acontece que eu sei muita coisa, porque a minha vó foi criada com a vó dela. Minha vó nasceu em 1888 e a vó dela, imagina, deve ser lá por 1790... Eu sei lá! Eu sei que ela perdeu o pai dela, foi ferroviário também, era Miguel Gomes, de origem espanhola, e a minha vó, os pais dela tinham uma fazenda aqui perto de Jaguarão, mais pro lado de Herval. E as filhas, naquela época, casavam e as casas eram muito grandes, ficavam morando em casa, né? E a minha vó era a neta mais velha dessa senhora que se chamava Maria José. Então ela era mimosa da vó, tinha dois negrinhos que era daquela Lei do Ventre Livre. Os escravos ficaram, o pessoal ficou, se dizia alforriado, mas morando ali, né? Continuando ali porque não tinha outro tipo de trabalho, né?

Então ela tinha dois pequenos, eram a Formiga.. eu sei os apelidos. A Formiga e o Piaca que, a Formiga era acompanhante de quarto e o Piaca dormia lá com os outros não sei onde...

Tinha também um tio, a minha vó teve um tio que era mais moço um ano que ela. Era gente tudo muito nova, casava muito cedo. Eu sei dos sobrenomes porque esse meu tio se chamava Ataliba da Costa D'Avila, ou D'Avila da Costa uma coisa assim. Por quê? A minha vó era da Costa Gomes e Medeiros, ela não tirou o nome de solteira, ela só acrescentou o sobrenome do marido. Enviuvou com 22 anos, ficou com 4 meninas, a mais velha ficou com a mãe dela. E ela depois se casou ou se juntou, não sei te dizer, com um senhor que tinha lá, que a mulher dele tava muito doente, em Porto Alegre. Em Porto Alegre não, ela teve problema de doença, de cabeça, assim e levavam para Porto Alegre para tratar e lá quem ia se tratar naqueles sanatórios, como eles diziam, ficava mais doente ou não voltava mais. Porque era muito tratamento de choque, né. Naquela época. Então, minha vó não falava muito na mãe dela, contava coisa da fazenda que elas faziam arte, eram gente muito rica! Porque eles, inclusive, tinham aves exóticas, eles criavam, casa de pedra, cada filha casava ganhava um pedaço de campo para criar, compravam coisas dos mascates, quanto iam lá elas se vestiam com coisas da França. Então minha vó me contava tudo. Os tecidos, eu sei o nome de tudo que vinha da China que vinha da... meias de fios de Escócia, seda otomana, que era turca. Então ela me contava muita coisa, eram as histórias dela, porque era eu, ela e o vovô, ele já era aposentado e eu era pequena e ela começava contar tudo e eu indagadeira, gostava de indagar. Mas o meu avô ele era português, Medeiros, vindo da, eu não sei da onde que ele era, eles eram judeus que entraram na Primeira Guerra Mundial, eles fugiram, fugiam muito da Europa. E vieram ali para as ilhas de Portugal, então da Ilha da Madeira depois eles pegaram um navio, e vieram, o pai do meu avô veio, por Rio Grande, São José do Norte, por ali. Teve uns tempos por aí e depois procurou um parente que tava no Herval. O parente era tio dele casava com uma senhora que

o sobrenome era Madruga, não, o tio era Madruga e a mulher era parente, talvez. Eu sei que ele casou com uma prima irmã e daí deu a família do meu avô. Vovô era o mais velho deles, aí eu conheço essas histórias toda, dessa gente aí. Mas tua finalidade é Viação Férrea [risos] (ANABELA, quarta-feira, 01/02/2017).

Antes de me falar da “minha finalidade” de estar ali, Anabela me contou sua vida e de seus antepassados. Um relato que mergulha nas camadas do tempo. Me inscreveu, enquanto ouvinte de suas histórias, em um espaço já conhecido por ela, o do narrar. “Então tem essas histórias por lá e por cá e, quando a minha gente quer saber alguma coisa, pergunta pra mim”, me conta ela, situando, dessa forma, seu papel simbólico no interior do núcleo familiar, reconhecido pela “sua gente”. Sua profunda capacidade rememorativa se estabelece por um pertencimento familiar, por uma narrativa transmitida, “um relato “oficial” para ser contato aos descendentes” (RODRIGUES, 1978, p.73).

Anabela tinha separado uma reportagem de jornal que, desde o início da entrevista, estava sobre a mesa. O recorte era de uma matéria que celebrava a inauguração da primeira linha do telégrafo, por Samuel Morse, em 1844. Junto com o texto, uma fotografia com trabalhadores da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, dentre eles, o pai de Anabela, Sergio Flor Gomes Medeiros.

Anabela: “Bom, meu pai aqui [pega a fotografia], vou ver que idade que ele teria...”

Guillermo: É bem jovem que ele tá aí nessa foto, né?

Anabela: “Jovem. Sim. Porque quando ele tinha 13 anos, primeiro sabe o que que empregaram ele? “Tuco”<sup>5</sup> é aquele que botava o dormente, fazia a linha do trem. Era trabalho muito pesado. Então, quem precisava muito trabalhar se empregava ali né. E então ele saiu de manhã de casa, levavam tudo, tudo para a comida e tinha que ter um que fizesse a comida deles, aí o meu pai me contava que ele era o cozinheiro. Tinha uns 12 anos o meu avô levou ele para fazer a comida, tinha um negócio assim, uma panela, um caldeirão que eles botavam bem cedo o feijão a cozinhar, ali botavam as carne de porco aquelas coisas tudo e quando faltava uma meia hora pro pessoal chegar ele botava ali naquele feijão um quilo de arroz e mexia bem e cozinava junto, então era a comida deles.

Então, que que aconteceu, o pai foi indo. Aí como ele era. O pai lia muito sabe? Era um homem muito... Ele teve seis meses de escola só. E se tu perguntasse qualquer coisa pra ele, lá nos Estados Unidos, onde quer que fosse. Ele só não sabia línguas, mas sabia tudo, tudo. Ele te dava a data e dizia: vai no mapa procura que é assim, assim. Aquelas

---

<sup>5</sup> “Tuco” é um apelido de trabalho ferroviário. Designa os que desempenhavam o trabalho braçal, no reparo e manutenção das linhas férreas. Para mais informações sobre apelidos pessoais, profissionais e irônicos, no interior do trabalho ferroviário, ver Gómez & Magni (2017)



guerras lá do início dos Estados Unidos, ele contava tudo para nós. Esperto, sabia jogos, gostava de um carteadado, gostava de dançar tango (...) ele e a mãe era muito alegres, a nossa casa era cheia de música. E ainda, os guris gostam, muito. Tudo assim. Os meus filhos puxaram isso aí, porque eu acho que, pela historia dos avós e tudo isso. Aqui tá muito bom olha, esse que escreveu é meu filho, é o Henrique. O Henrique trabalha agora em Brasília, está com 55 anos, 54. Ele trabalha, é chefe de gabinete do Osmar Terra. Escreve muito bem, pode ler aí (ANABELA - 01/02/2017).

Esta narrativa insere a trajetória de trabalho do pai em um *family discourse* – “aquele que família produz sobre si mesma” (BOURDIEU, 1997, p. 126) – e, igualmente, apresenta os talentos e habilidades familiares, enquanto capacidades e potencialidades hereditárias. A ideia de que os mais novos “puxam” os mais velhos, ajuda a entender como esta personagem concebe a transmissão de capacidades pelas gerações. Isto ressoa em suas recomendações, me advertindo que deixasse claro que a reportagem tinha sido escrita por seu filho e sugerindo que na fotografia que eu faria, incluísse sua presença e sua autoria: “Vê se tu consegue pegar o nome do Henrique! ”

O trabalho ferroviário, na narrativa que uma filha faz de seu pai, remete às possibilidades imaginativas de uma memória coletiva. Nossas memórias “vibram em unísono” (HALBWACHS, 2006, p.47) com as daqueles que nos cercam. Essas recordações ganham uma espessura ainda maior quando se trata do núcleo familiar. O cultivo da memória “do outro” é constitutivo da memória do si mesmo. Para Anabela, recordar dos acontecimentos que se passaram com pais e avós integra quem ela é, quando se apresenta enquanto “personagem narrativo” (DÍAZ, 1999) e, também, lhe confere substrato para a transmissão de uma história de família para as outras gerações.

As pessoas às vezes... tem gente ainda que diz assim: “ah pois é” fala assim dos ferroviários, como se fosse assim uma coisa assim, muito: ah, ferroviário... Ali em Pedro Osório eram FAZENDEIROS (fazem assim né, uma moral, uma coisa), e o resto, tudo mais, era ferroviário.

Aí eu peguei a pessoa, eu digo assim, mas vem cá, vamos conversar: o fazendeiro, eles viviam mais pobres que o ferroviário, porque eles recebiam o dinheiro da lã e do couro, sei lá o que eles vendiam, que era boi e ovelha. Eles recebiam no fim do ano, aí, então, eles pagavam as contas, zeravam e aí sobrava muito pouco e a família ficava assim, comprando de caderno!

O ferroviário não, nós tínhamos cooperativa, tinha farmácia, tinha, tudo! Até dependendo ali, lá, pra lá de Pedro Osório o pessoal pertence, pertencia, a cooperativa dos ferroviários de Bagé.

Bagé era núcleo de uma parte e daqui pra lá era Rio Grande. Mas era bom a gente sempre podiam. Olha, comprava desde cobertas feitas no Rheingantz nessas casas que faziam... que tinham fábricas em Rio Grande, que hoje nem tem mais. Tinham fábricas, graças à Viação

Férrea, que tinha como eles negociarem e o produto ter como chegar, porque não tinha estrada federal! (ANABELA - 03/02/2017).

“*Nós* tínhamos cooperativa, tinha farmácia, tinha, tudo!” [grifo meu]. São colocações que esboçam a elaboração de uma “identidade-grupal”, enquanto uma fachada (GOFFMAN, 2011), isto é, como um ritual de apresentação do si mesmo. O pertencer a esta profissão serve aos objetivos de um processo de distinção, elaborado, por exemplo, em relações a outras ocupações possíveis: “Ser ferroviário é muito melhor do que ser fazendeiro”. Neste sentido, Lima (2003) discute a identidade ferroviária como constituída por um “sentimento de pertencimento a um grupo onde determinadas características são singulares” (LIMA, 2003, p. 55). De acordo com Lima, “ser ferroviário” passou a ser motivo de orgulho (LIMA, 2003, p.59), após o sucesso de uma série de ações combativas de destaque no cenário sindical brasileiro. Na narrativa de Anabela, o “ser ferroviário” constituído de orgulho provém de outros critérios, baseados em uma outra experiência e situação narrativa.

De acordo com Halbwachs (2006), a atividade de rememorar conta com o apoio de outras pessoas que tiveram lembranças em comum com o sujeito, são elas que “ajudam” a memória individual. Mas acontece mais do que um mero apoio, segundo o autor, ao voltarmos para essas lembranças compartilhadas com os outros, “adotamos seu ponto de vista” (HALBWACHS, 2006 p. 31). São nesses momentos que o “eu narrado” (RICOEUR, 1991) se mescla com a identidade coletiva, dada a densidade da rede de pertencimento. É este pertencimento que faz com que o “eu” penda na balança e se desloque para o “nós” (ELIAS, 1994), gerando uma potente narrativa.

Essa narrativa, que fala por um grupo e cultiva a memória deste se possibilita pela situação de fusão do trabalho com o não trabalho, característica do universo ferroviário. Anabela foi uma observadora privilegiada do cotidiano do trabalho ferroviário e para além dele:

O pai sempre tinha um telegrafista, porque tinha que ter dois para atender, porque aquilo batia aquele telefone, aquele aparelho, o dia inteiro. O pai não ganhava hora extra, trabalhava de noite e virava. Às vezes ele deitava para dormir e a minha mãe sentava e ficava controlando pra ele. Aí quando tava perto do trem chegar, ela dizia assim: ó, levanta que vai passar o trem aí. Aí ele fazia uma licença. Pra fazer a licença ele tinha que consultar a cidade, o lugarejo próximo. A próxima estação. Para ver se estava tudo [certo], se podia entrar na estação, para evitar acidentes. O pai fazia tudo isso, se ajeitava e se encostava um pouco, vestido. A mãe sentava lá, ficava bordando, fazendo tricô e controlava. Então ele levantava fazia aquela licença, eu lembro que ele enrolava bem fininho dobradinho e tinha um arco, um

arco de vime, com uma fresta assim, enfiava ali aquela licença e o trem cruzava, não parava. O maquinista botava a mão pra fora, ele enfiava o arco, tirava a licença e jogava o arco de volta. É... a coisa era muito rudimentar ali.

Mas a gente via tudo isso, né. O trem para nós era o máximo, a gente se criou ali. As máquinas eram a vapor, muita lenha gastava, era com lenha. Depois, quando eu já tinha me casado, houve uma época que veio de Santa Maria, engenheiro especialista para fazerem umas caixas, tipo caixa d'água que era pro óleo diesel, aí a máquina começou a ser a óleo diesel. Ela era elétrica. Eu nunca entrei lá dentro da máquina, não vi como que era. Ela funcionava silenciosa. Tu sabe que às vezes passa aí, trem com grãos, né porque só pra isso que presta agora. Mas quando ela apita lá, atrás da escola técnica eu tô dormindo eu me acordo com o apito. Às vezes eu levanto e fico na sacada pra ver se eu vejo, se vem com luz acesa, por onde é que ela cruza.

Guillermo: Gosta muito?

Anabela: É faz parte, faz parte da infância (ANABELA - 03/02/2017).

A narrativa esboça as sutilezas do cotidiano de uma “família ferroviária” e o leitor pode quase enxergar a mãe, sentada, tricotando e manipulando o equipamento ferroviário, enquanto pai, deitado e uniformizado, descansava. É uma narrativa de trabalho inesperada, a partir de um ponto de vista bastante peculiar. Uma lembrança vívida, elaborada nos jogos temporais da narrativa dessa senhora e fixada no conjunto de memórias da infância.

Em outros momentos da narrativa de Anabela, a identidade-individual se dissociou da identidade coletiva e não por um processo pacífico. Esta diferenciação ocorreu, principalmente, quando o projeto de manutenção do talento ferroviário passou a ser cerceado pela desigualdade de posições sociais, calcada na diferença de gênero. Objetivei pensar como essas posições diferenciais de gênero “duravam” nas recordações e como eram recontadas no contexto dos encontros etnográficos:

Anabela: Quando eles [irmãos homens] terminaram o primeiro grau ali em Pedro Osório eles vieram estudar na escola técnica [em Pelotas]. E eu e a minha irmã não viemos estudar porque tinha que vir nos trens, passar o dia em Pelotas, não sei que, não sei que. Aí o pai disse: não, os guri vão porque são guri. As gurias não vão sair de casa. É... Muitas vezes eu me revoltava com isso. Eu dizia assim: Mas qual é o problema?

Tu sabe, eu tava sentada na praça em Bagé que é defronte a estação [férrea], com uma prima minha que sempre morou em Bagé. Prima, 13 anos mais velha que eu, já faleceu, morreu com oitenta. E eu tava sentada com ela e passaram duas mulheres, ainda não era velhas, passaram as duas de braço, lá do outro lado, e ela disse: “Leca tu sabe quem são aquelas duas que vão indo lá? Eu digo: “não, não faço nem ideia”. “Aqueles duas lá foram telegrafistas da estação aí”. Eu disse: “Mas era tudo que eu queria”. E o pai não...

Guillermo: É mesmo?

Anabela: É, eu sempre dei para trabalho de escrivãinha, de escrever.  
Guillermo: Burocrático, documentos.  
Anabela: Isso aí! Eu perguntava: Pai eu não posso ser telegrafista? E ele dizia assim: É, vai ter que ir pra Bagé e não sei o que... Mas imagina eu tinha parente em Bagé, uma tia com pensionato lá... Mas... É, eram as mentalidades, né?  
Guillermo: Porque era guria, porque era mulher...  
Anabela: Professora, nem pensar!  
Guillermo: É mesmo?  
Anabela: É, porque eu poderia ser professora ferroviária. Eu ganhei a bolsa de estudo para Santa Maria, parava num pensionato de freiras, ah eu tava louca para ir. O padre veio na janela da minha casa e perguntou assim:  
“Você que é a Anabela?”  
Eu digo: “Sou e o senhor eu lhe conheço. O senhor é o padre Mascarelo”.  
E ele: “sou, como é que tu me conheces?”.  
“Ah eu conheço lá de Cerro Chato, o senhor passava lá, no carrinho”.  
Esse tipo Austin, esses carros importados, com roda pra trilho. Tinha um. E ele, o padre, tinha tipo uma rural, uma camionete rural de linha... isso deve haver algum museu com isso. Aí ele disse: “eu precisava falar com o seu pai”. Eu disse: “olha, então o senhor faça a volta na estação que o escritório do meu pai a frente é lá pro outro lado”. A gente estava nos fundos tinha uma meia porta assim, como era nossa copa e tinha uma porta que era cortada, ela não tinha vidro, a parte de cima abria pra trás. No inverno não se abria nunca, né? Às vezes os guris abriam a parte de baixo e desciam (risos), ah eles faziam de tudo! Aí ele foi lá conversou com o pai, aí o pai não me chamou pra perguntar se eu queria ou não queria.  
Guillermo: Mas ele foi negociar isso, a tua ida pra escola?  
Anabela: É, eu ganhei bolsa. Tinha de fazer só um, levar duas roupas de cama, pijama, isso aí a gente até tinha. Depois que ele almoçou a mãe perguntou: que que o padre Mascarelo queria contigo, José? Qual que era a novidade dele? Ele disse assim: “é ele veio aí porque a Lequinha ganhou”, eles não diziam bolsa de estudo naquela época, “ele veio fazer um convite porque as irmãs disseram que ela, desde a terceira série primária, que ela era a primeira aluna do colégio e eles oferecem pra ela. Mas eu disse para ele que não, e não sei o que...”. Botou mil e uma dificuldades. Ficou. Hoje eu já superei isso aí, porque uma coisa é tu poder frequentar a universidade e outra coisa é tu pegar tudo que é livro pra ler. Não vai na aula aprender nada técnico, mas conhecimento a gente tem, não é verdade? Então, ficou assim.  
Aí quando veio segundo grau ali pra Pedro Osório. Foi na grande enchente de 1959, aí eu já era namorada e noiva 8 anos, me casei no ano seguinte, sete anos a gente já tava preparado para casar, já tínhamos casa e tudo. Aí também o meu pai botou uma pedra em cima e o outro [o marido]: “não, mas agora a gente vai casar, depois tem que estudar de noite”, aqueles papos de namorado. Ah, então tá bom. Vou criar meus filhos, vão estudar nem que eu leve eles pelo braço! E assim eu fiz, quando a mais velha precisou estudar, nós morávamos em Pedro Osório, eu tinha três empregadas, tinha jardineiro, morava numa chácara bonita. Meu sogro veio pra cidade, nos deu a casa dele com dois hectares dentro da cidade, de frutas, tudo a gente morava ali tinha jardim, tinha carro pra passear, tinha tudo. Mas tem uma coisa que eu vou te dizer, não tem nada que cubra uma, como vou te dizer, uma falha

na vida da gente. Assim, que aquilo foi uma falha que ficou. Então eu sempre pensava assim, o dia que a mais velha tiver idade pra colégio, ela não vai ficar aqui em Pedro Osório. A gente tem condições, o José [marido] era dentista, ele tinha boa clínica lá, aí eu comecei a conversar com ele. “Ah, mas José nós temos que ir embora, porque a Andreia já era bom já era entrar num colégio que ela fosse até o segundo grau”. Aí começamos a conversar, os guris que estudam em Pelotas, podem estudar no mesmo colégio... Comecei [a falar], ele disse:

- É mas agora tô com minha clínica formada, a gente mora bem.

- Ah mas morar bem a gente mora em qualquer lugar.

Aí que que aconteceu, um amigo nosso, de lá, disse assim,

- Pires, vamos fazer uma sociedade aí, uma farmácia, em Pedro Osório que tem só uma. Vamos botar uma outra farmácia aí, num ponto bom, pra minha mulher e a tua trabalharem, ficarem na farmácia, para elas terem uma motivação. Eles conversaram separado. Aí o José veio perguntar que que eu achava. Eu digo: olha José, se tiver que viajar pra Pelotas, vou com os meus filhos pra estudar. Então vou fazer o seguinte, a gente se muda pra Pelotas, tu monta teu gabinete em Pelotas, os teus clientes daqui consultam com médicos de Pelotas então tu dá o endereço e eles vão lá! Aí cortei. Não. Eu fiquei quieta quando foi pra mim, mas pros meus filhos não! Ele disse é tá certo, tá certo. Aí a gente, graças a Deus ele veio. Montou um gabinete aqui, com sala de espera e tudo aqui no Itatiaia, esse edifício que tem a esquerda aqui na XV [rua de Pelotas]. E a gente alugou uma casa pra morar lá na Benjamim (ANABELA - 03/02/2017).

No jogo entre o lembrar o esquecer da memória, a *frustração de um projeto* de ser telegrafista (“era tudo o que eu queria”) dura no tempo. Anabela foi deixada de lado nos processos decisórios: “o pai não me chamou pra perguntar se eu queria ou não queria”, assim como o marido que “conversou separado” com o colega sobre a possibilidade de abrir um negócio. Essa separação coloca a personagem como que indo com a corrente, assistindo a própria vida.

Um “ser ferroviário” coletivo, motivo de orgulho, é substituído, neste momento crítico da narrativa, por um “ser mulher”, individual, apartada das discussões sobre seu próprio destino. Essa grande contradição é reconhecida pela narradora. A posição diferencial de gênero tem um efeito de duração (BACHELARD, 1988), perdura no tempo, é mantida presente por meio da narrativa e, principalmente, é narrada enquanto *falha*: “Mas tem uma coisa que eu vou te dizer, não tem nada que cubra uma, como vou te dizer, uma falha na vida da gente. Assim, que aquilo foi uma *falha* que ficou” [grifo meu]. Isso demonstra também que o lembrar e o durar estão sempre sendo negociados e o recordar está sempre dialogando com o esquecer (RICOEUR, 2007). Toda “a reconstituição pode apresentar um dano, ela não tem nada de inocente e, para além de seu jogo de crença, impõe formas de terror a memória” (JEUDY, 1990, p. 119).

Até que, em um determinado momento de sua trajetória, o poder de escolher retorna às suas possibilidades: “Aí cortei. Não. Eu fiquei quieta quando foi pra mim, mas pros meus filhos não! ”. Narrativamente, Anabela toma consciência de si mesmo, migrando de um processo de emudecimento (SPIVAK, 2014), para de agência, expresso em um projeto para os filhos.

### 3.2 - Rubem

Quando Rubem Medeiros – o “Rubinho” –, Agente de Estação aposentado, de 80 anos, me recebeu em sua casa, no dia vinte de janeiro de 2017, disse que tinha uma surpresa: “Minha vida está aqui”, e trouxe de seu quarto uma pilha de documentos que colocou sobre a mesa da cozinha. Ele já sabia que eu estava interessado em documentos, pois, de acordo com meu diário de campo, desde setembro de 2016 que conversamos sobre documentos ferroviários.

Desta vez, porém, Rubinho me apresentou papéis de todos os tipos e, enquanto eu ia conhecendo-os, ele ia lembrando. Passamos pela rescisão de contrato devido à aposentadoria, pelo contrato de compra de sua casa, que chamou atenção dele pela simplicidade: “hoje se te dão algo assim tu atiras na cara da pessoa”, o diploma de conclusão do quinto grau, em um colégio de Pelotas. Até mesmo, “outra coisa que vou te mostrar, agora tu vai cair duro”: um recibo de compra de um revólver, adquirido para “proteger a família”.

Porém, o que mais chamou nossa atenção foi o certificado de reservista, expedido pelo Ministério da Guerra. Rubinho enfatizou a conservação da fotografia e atentou para o desgaste do documento se concentrar nas dobras:

Rubem: “O papel não aguenta. Muitos anos. E sempre dobrado! Eu tinha uma carteira de couro, que, naquele tempo, quando o cara servia a maioria dos ‘milicos’ já compravam a carteira. Era uma carteirinha de couro”.

Guillermo: E tu serviu o exército?

Rubem: “Servi claro! Aí tá a minha baixa. Naquela época, era a primeira coisa que eles pediam como documento. Não tinha CPF, não tinha identidade, só depois que inventaram o RG. Esse era um dos únicos que tinha o nome, a mão... O principal documento que o cara tinha na época era isso aí”.

Rubinho elogiou a qualidade da foto: “Nem hoje sai uma foto tão perfeita. Uma cara de guri né tchê!” (RUBEM, 2017).

Aproveitando que o documento com biografia<sup>6</sup> tinha “levado a ação” (LATOURE, 2012) de recordar, como um verdadeiro “veículo de imaginação” (HULL, 2012), perguntei: “O que tu lembra de ser da infantaria? Desse período do exército, como é que foi?” E ele respondeu:

Olha, pra mim foi bom. Só, assim, aconteceu um negócio comigo. Eu tinha feito um curso. Porque eu tinha curso né. E o comandante da minha infantaria se eu não me lembro, ah é... como é o nome. Era por companhia, dividia. A minha companhia era ‘CC 1’ parece que era. Parece que era ‘CC 1’ ... E o comandante não gostava de mim, não sei por quê. Sabe por quê?. Eu fiz um concurso, claro eu queria carreira militar. E tinha um “peixe” do comandante da companhia. O cara fez toda a reforma no alojamento, era marceneiro. O cara era bom, né, ele sabia, mas ele não tinha possibilidade de continuar no regimento. E eu passei no curso, né. Porque eles botaram num quadrinho assim: “Rubem Medeiros tirou tanto, tanto, tanto”. Só que não vinha a minha promoção”. Aí, eu me dava muito com o coronel Praça, (...) Era coronel o cara! (risos) Ele era muito meu amigo. Assim, amigo não, mas.... Sabe por quê? Porque naquele tempo tava recém levantando o Farroupilha. O Farroupilha era do nono [9º Batalhão do Exército].

Guillermo: O time!!? Do Ex

Rubinho: O time era do regimento! O Farroupilha<sup>7</sup> era do regimento e o coronel Praça gostava muito de futebol. E eu agarrei, e um dia fui nele, fui no Coronel. Eu, quase todos os dias, vinha para aí pro Farroupilha, que eles tavam construindo, fazendo o campo ali. Botando cimento, botando tijolo, essa coisa toda. Eu fazia serviço de pedreiro. Eu era soldado, mas aí nós vinha aí pra trabalhar, mas não ganhava nada pra fazer aquilo, nós era mandado pelo comandante. Mas não ganhava para fazer aquilo, nós era mandado. Era mandando pelo comandante. [volta ao assunto] E era coronel o cara, tchê ! Coronel Praça de Nogueira.

Aí eu fui no Coronel, quase todos os dias ele vinha lá, olhar que coisa a gente tava fazendo. E, um dia eu, e os cara começaram; os soldado começaram: VAI VAI VAI RUBINHO, VAI VAI ! (risos). Cheguei, me perfilei pra ele, porque, claro, primeiro o cara tem que se apresentar né? Fazer continência, fazer sinal e meter o peito, bem pra frente” (risos). Aí me apresentei pra ele: Sou soldado não sei o que, número tal, não sei o que, Rubem Medeiros, companhia tal (risadas). Tudo isso aí tinha que fazer!! Esse é o regulamento, né. Aí me apresentei pra ele: soldado nananana.

Aí eu disse pra ele Doutor... [corrige] Coronel, queria lhe falar o seguinte, eu fiz um concurso... e eu sei que eu passei. Mas até agora minha promoção não veio, e eu queria saber por quê. “Ah é, tu fez um concurso?” E passei. “Qual é o concurso?” Eu fiz concurso pra sapador. Que é quem trabalha fazendo funda e coisa. Em caso de guerra aquele cara que vai pra frente, né? E eu digo Doutor... não... Coronel. Como que é... E ele perguntou assim: “tu quer fazer carreira?” Não, claro que quero! Eu fiz concurso e quero fazer carreira. Ele foi e disse assim: “tá, eu vou ver isso aí”. Mas ele também nunca me falou nada. Eu acho que ele deu uma mijada no comandante.

---

<sup>6</sup> Faço referência ao conceito de “biografia dos documentos” de (FONSECA & SCALCO, 2015, p.24).

<sup>7</sup> Grêmio Atlético Farroupilha, clube de futebol da cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul.

Guillermo: Sim, que botou um outro cara..

Rubinho: “O outro que ficou pegou divisa e eu não peguei. Ele pegou a divisa no meu lugar. Porque ele não passou no concurso, ele rodou, mas, claro, por baixo do pano ele ajudou. Sabe como é que foi? No Exército existe essa sacanagem! E depois cara [o comandante] começou a me perseguir, tchê. Que eu tinha reclamado com um superior. Que no regulamento tu tem que pedir licença pra ele, e eu não pedi licença. Eu já fui direto no chefão (risos). Ele tinha duas gemadas no ombro esse, o Praça. Depois ele passou a capitão. Não, ele era coronel! Era mais que capitão! Mas depois, ficou assim.

Rubinho: Aí, o comandante da companhia começou a me perseguir. Sabe que que ele fez? eu sai do serviço num sábado, de plantão né, do alojamento, quando foi domingo ele me botou de novo no serviço. Que tem que olhar a escala né. Claro eu saí do serviço hoje, como é que vou pegar serviço amanhã? Aí ele agarrou e me puniu. Pronto, aí liquidou comigo. Ele me deu um dia de gancho. Aí me liquidou. Como é que eu vou ser promovido se eu fui punido? Viu? Isso aí que aconteceu. Claro, aí me desarmou né? E outro dia deu boletim, todo mundo fica vendo né?! No outro dia de manhã sai boletim de punição de todo o soldado que foi punido. Todos os dias de manhã reúne todo os regimentos, todo o quartel. Claro, entra todo mundo em forma e aquele boletim é lido em voz alta. Quer dizer, todo mundo ficou sabendo que eu fui punido. Claro, que mais eu ia fazer? Tive que me cuidar dele! (riso) Tinha que me cuidar porque ele me podia botar até na cadeia. Até inventar um troço meu aí e me botar na cadeia. Mas isso acontece muito (RUBINHO, 20/01/2017).

Rubinho cumpriu com o serviço militar obrigatório em 1956, tendo suas expectativas de carreira frustradas devido a esta “perseguição”. Ingressou na Viação Férrea do Rio Grande do Sul em 1957.

Eu entrei na Rede Ferroviária, naquele tempo era Viação Férrea, quando eu entrei como estatutário, era do estado. Eu entrei como tuco, na viação férrea, me mandaram lá pra uma grota, lá pro lado de Bagé (risos). Eu era novinho, tinha 22 anos de idade, recém tinha saído do quartel. Como era ferroviário, a empresa dava preferência para o filho de ferroviário. E naquele tempo o escritório da via permanente era ali na estação e lá tinha um mandão da via permanente. E o meu pai disse, tu quer entrar na rede? Naquele tempo chamava de Rede... ou a Viação férrea... Eu digo, “ué quero”. Eu fui lá e na mesma semana eu já tava empregado! Pra ti ver a facilidade que tinha para conseguir emprego para quem era funcionário... [se corrige] para quem era filho de ferroviário naquela época.

E era um emprego bem seguro porque já entrava como estatutário. Para ti botar na rua ali, só se tu fizesse uma grande causa. Agora assim, o seguinte, na Rede Ferroviária, todo o empregado que pegasse qualquer coisinha da empresa, tava na rua. Qualquer objeto que tu pegasse da empresa. Podia ter o tempo de serviço que tivesse, podia ter 30 anos de



serviço, com a carta de aposentadoria na mão, eles te colocavam na rua. E eu acho que eles estavam certos (RUBEM MEDEIROS - Entrevista na RadioCom, 16/10/ 2017).

Rubinho mencionou a certa “facilidade” de ingresso no trabalho ferroviário, expresso também, em um modelo de admissão distinto “Na Rede até pra fazer limpeza no escritório, faxineiro, tinha que fazer concurso (risos). E antigamente não, eu não fiz concurso pra entrar na Rede, era uma forma diferente” (RUBEM - 24/05/17).

Foi assim, desta “forma diferente”, que Rubem ingressou no trabalho da ferrovia, tendo como um mediador seu pai: “eu tinha saído do exército, tava em casa de vagabundo! (risos), “Escuta tu quer entrar na Rede?”, Eu: ué, quero. “Então vai lá e te apresenta”. “Ah, tu te apresentou? Achei que tinha sido teu pai”, disse eu.

Não, claro que eu cheguei, sou filho do Bernardino Medeiros, que é meu pai. Aí claro, conhecia meu pai, ele trabalhava na ferrovia. E naquele tempo o chefe do escritório era o Mattes e ele foi assim, disse então tá, então tu quer entrar na Rede. Naquele tempo o único documento que tinha aquele papel do exército, aquele que eu tenho lá todo rasgado, te lembra? [Certificado de Reservista] E ele: Que que tu tem aí? Não, eu tenho só isso. Aí ele olhou ali e tá, tá empregado! (risos). Não, hoje, que tem fazer exame e coisa. Não fizeram nada, entrei direito! Sem fazer exame sem nada! E ainda assim: “daqui a uma semana tu vem aqui pra ver pra onde tu vai.” Daí me mandaram pra Cerro Chato. Eu não conhecia nada! E meu pai conhece porque ele viajou por toda essa... Aí, comecei a arrumar as coisas e claro, eu não trabalhava, meu pai sabe como é que era, como é que tinha que fazer, né? Então ele tinha uma panelinha de ferro, bem pequenininha, que era quando ele trabalhava ele tinha, quando eu entrei na Rede ele já era aposentado. Aí tu vai pra Cerro Chato, eu sabia lá onde é que era isso! Aí meu pai me deu o passe pra mim viajar. Me deu passe como se eu já fosse empregado da Rede! Passe livre! E minha bagagem também! Ele já sabia que eu tinha que levar comida pra ao longo da linha, né! (RUBINHO, 15/01/2018).

A apresentação para a chefia, que primeiro faz referência a ser filho de alguém, inclui Rubem como um sujeito pertencente aquele universo, do “já conhecido”. Mesmo assim, se faz necessário uma verificação burocrática, ainda que mínima, materializada em um dos poucos documentos da época que possuía foto e impressão digital.

O pai preparou o filho por meio da transmissão da “arte de fazer” (CERTEAU, 1994) própria da atividade que desempenhava – o trabalho de Via Permanente – a mesma que iria ser executado pelo filho. Isso não isentou Rubem de sentir um grande impacto e estranhamento, que se efetiva com o início da trajetória de trabalho.

Foi duro pra mim né tchê, foi o primeiro trabalho meu que eu peguei, já num serviço duro igual aquele de agarrar dormento, agarrar trilho. E eu me aguentei mais, me segurei mais porque eu sabia que era um serviço seguro né, do Governo. Ali, por exemplo, só por um caso muito grave pra me botar na rua. Era um serviço seguro. Por isso que a pessoa. Bom, é o mesmo que dizer, “aqui eu tô acomodado”, mesmo com todo aquele sacrifício. O cara tinha que ser macho!<sup>8</sup> (RUBEM, 11/09/16).

O argumento utilizado para submissão a condições de trabalho é quase de um ascetismo: a renúncia do corpo, do prazer (no sentido do vivido), pelos benefícios de obter uma trajetória estável. A brutalidade das condições de trabalho são moeda de troca simbólica diante da possibilidade de estar “acomodado”. Paira um “espectro do desemprego” (LEITE, LOPES, 1978, p. 166), bastante grande, que concatena não só na “opção” por esse tipo de emprego e do seu sacrifício, mas, também, organiza uma postura no interior do trabalho.

Essa trajetória demonstra que mesmo em um caso de herança familiar do talento ferroviário, o discurso da reprodução pode e deve ser tensionado por meio dos dados etnográficos. A narrativa de Rubem sobre sua narrativa de inserção na ferrovia e toda sua complexidade de intrigas revela que, mesmo as biografias mais “convencionais” nas quais seria “lógico” a transmissão do “sangue ferroviário”, podem adquirir contornos inesperados.

#### **4 - Ferroviários por acaso**

A segunda constelação é composta por narrativas de entrada na profissão ferroviária que estão ligadas a uma *forma narrativa do acaso* ou da sorte. O que significa refletir sobre trajetórias de “ser ferroviário por acaso” e mais, qual o seu peso na constituição de uma identidade narrativa?

Tratei de investigar, nas experiências particulares de uma trabalhadora e de um trabalhador, como “o acaso” emerge enquanto um “ator” constitutivo das suas trajetórias, que auxilia como dão conta de sua condição no mundo (DÍAZ, 1999) e como tecem uma apresentação de si.

A constelação dos “ferroviários por acaso” agrega as narrativas de inserção que mobilizam o imponderável e imprevisível como justificção do ingresso na ferrovia. Conforme Lima (2003, p.68), a RFFSA era “uma empresa de caráter nacional, e desse

---

<sup>8</sup> A associação do trabalho pesado, de risco com a masculinidade é uma importante discussão para os estudos antropológicos do trabalho (Bons exemplos são: ECKERT, 2012; PALERMO, 2017).

modo inserida num projeto de Brasil e, ao mesmo tempo familiar, relacionada diretamente com a constituição e reprodução de um grupo específico, os ferroviários”. Os sujeitos, ao apontarem para o acaso como motivo de ingresso na ferrovia, não são ingênuos: é de conhecimento geral entre os interlocutores a existência desta “cultura ferroviária”, na qual predominava uma forma de admissão dos trabalhadores baseada em valores familiares. O acaso pode ser interpretado como uma crítica, da ordem do cotidiano, àquele modelo paternalista de empresa. Nas trajetórias que o acaso era trazido à tona, comumente era acompanhado da *negação* do pertencimento familiar: “Na minha família não tinha ninguém ferroviário. E aí me tornei ferroviária por concurso, né.” ou “Tu imaginas, tu sair de uma área de mecânica pra ferrovia, que eu nunca tinha visto, ninguém, nenhum parente meu nunca foi ferroviário. Um mundo novo”.

Estes narradores tratam de deixar claro seu mérito individual e inscrever uma outra forma de admissão na ferrovia, o concurso público. Desta maneira, se transformam as condições identitárias: o “ser ferroviário”, advindo de um talento herdado e de uma capacitação embutida no sangue, migra para o “tornar-se” ferroviário, por meio de um *ritual*.<sup>9</sup>

#### **4.1 - Neida: O acaso em uma “biografia de exceção”**

No âmbito do emprego, o universo ferroviário foi sempre conhecido por “não ter rosto de mulher”, expressão que tomo emprestada da jornalista e romancista Svetlana Aleksievitch (2016). A predominância masculina, na grande maioria das funções é bastante clara”, como afirmam Santos e Zanini, sobre sua pesquisa em Santa Maria:

Em pesquisa documental nas fichas trabalhistas de funcionários da Ferrovia, as autoras encontraram um número muito pequeno de mulheres ferroviárias e sempre vinculadas às atividades de cuidado, limpeza ou de administração (SANTOS & ZANINI, 2012, p.20).

Portanto, ao relatar sobre a narrativa biográfica de Neida, ferroviária, passei a considerar sua trajetória dentro de um registro de uma “biografia de exceção”<sup>10</sup>. Uma exceção percebida pela narradora, que inclui esta condição como parte de sua “identidade narrativa”.

---

<sup>9</sup> “cerimônias cujo objeto é idêntico, fazer passar um indivíduo de uma situação social determinada à outra situação igualmente determinada”. VAN GENNEP, Arnold. *Ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

<sup>10</sup> A sugestão do uso da categoria de “biografia de exceção” é de Cornelia Eckert. Adotei a proposta no texto intitulado “Vida e Trabalho de uma Ferroviária: Etnografia, Memória e Gênero” (GÓMEZ, 2017), apresentado no Fazendo Gênero 11, na UFSC, em agosto de 2017.

Neida tem 63 anos e mora em uma casa no bairro Simões Lopes, um antigo reduto ferroviário, como deixa claro a proximidade da moradia com os trilhos e a própria arquitetura construída. “Faziam as casas pros funcionários morar e usavam muito os trilhos”, contou ela, quando me recebia para uma entrevista, em novembro de 2016, fazendo referência à calçada de sua casa, onde estão cimentados os trilhos ferroviários que dão base a construções e muros da vizinhança.

Em janeiro de 2018, retomamos o assunto da casa, em razão de reformas para a colocação de um muro com grades na frente de sua calçada. Ela me mostrou o pátio dos fundos, que conecta sua casa com a da filha, e que ainda tem as ruínas de um antigo prédio da RFFSA, “uma oficina”, contou-me ela. Neida chamou sua morada de “a casa dos trilhos”, para indicar a caixa d’água e o próprio telhado dos fundos, sustentados pelas estruturas de ferro tão características da ferrovia.

Sua narrativa de apresentação e de inserção na profissão ferroviária opera um jogo temporal (ROCHA & ECKERT, 2013) logo de início: “Nasci em Pelotas e aí me tornei ferroviária”. O ato de contar, propulsionado por essa frase inicial faz uma combinação entre casualidade, perseverança e “sorte”:

Nasci em Pelotas e aí me tornei ferroviária. *Na minha família não tinha ninguém ferroviário. E aí me tornei ferroviária por concurso, né. Eu já tinha terminado, hoje é ensino médio, na minha época era o segundo grau. Primeiro grau, segundo grau, e científico. Foi o primeiro emprego, eu soube do concurso por casualidade.* Uma vizinha foi na casa dos meus padrinhos, porque naquela época pra ti fazer o concurso tu tinha que ter ficha corrida, tinha que ir no cartório. Ela precisava de duas testemunhas, foi para pegar duas assinaturas e aí que eu fiquei sabendo do concurso. Já estava nos últimos dias de inscrições, e eu fui. Já tinha terminado o segundo grau [grifos meus] (NEIDA – 04/11/2016).

Na narrativa de Neida a ação de “tornar-se ferroviária” por meio de concurso é justificada por não ter vínculos geracionais ou de parentesco com o trabalho (“*Na minha família não tinha ninguém ferroviário*”). Isto organiza uma temporalidade quase ritualística, o concurso emerge como um momento de transformação, de mudança de uma condição para a outra. Enquanto nos três primeiros personagens discuti a figura narrativa do “ser” – apesar de tentar evidenciar as complexidades desta condição – aqui estamos falando do “tornar-se” e, mais especificamente de um “tornar-se *por sorte*.”

A inserção da narradora no mundo do trabalho é perpassada pela maneira como ela compreendeu que o grupo a recebeu. Como afirmam Helena Hirata e Daniele Kergoat, é preciso problematizar a unicidade da classe trabalhadora – mais programática do que

empírica – especialmente no que diz respeito às diferenças entre homens e mulheres. As “relações de classe são sexuadas” (HIRATA & KERGOAT, 1994, p.95).

Fiz o concurso, passei, fiquei em Pelotas por sorte porque eles não deixavam ninguém na sua cidade. A gente teve que ir na sede da empresa, em Santa Maria, para fazer o treinamento de quinze dias. A gente foi e quem depois decidia para onde a gente iria, seria o chefe, que ficava em Rio Grande. Eram divididos em 4 distritos, a ferrovia no Rio Grande do Sul. O quarto era Rio Grande, terceiro acho que Cruz Alta, segundo Santa Maria e primeiro Porto Alegre. O chefe aqui de Rio Grande que distribuía [os trabalhadores nos diferentes postos de serviço daquele distrito], tinha um monte de estaçãozinha pequenas, né? Tinha lugares que era só a estação, não tinham nem casas. E o pessoal me dizia, não pensa que tu vai ficar em Pelotas...

“Ah, meio que te apavoraram? ”, comentei. Neida assentiu e respondeu:

“Bah! O pessoal antigo que trabalhava na estação acho que eles não gostavam que chegasse gente nova. Eles te assustavam tudo que podiam, que era para ti não fazer! Principalmente mulher, né? Ah porque é só estaçãozinha.... Vai ficar sozinha. Só fica tu e o guarda chave<sup>11</sup>. Tem cobra e no verão elas se escondem nos trilhos. Tudo pra ti chegar e: “Tá não quero não vou fazer”. Pra mim foi bem assim, quando eu fui fazer minha inscrição, já foi assim. Bom, já tava lá, já tinha arrumado o papel, fui fazer. Mas foi bom porque que aí eu fiz o concurso sem aquela vontade “ah eu quero passar”, fiz bem tranquila, foi quando eu passei.” Aí deu certo. Depois foi a função de não ficar na cidade. Mas eu tive sorte. Eles diziam assim, se o engenheiro, acho que era João Carlos, se ele amanheceu de pé destapado te prepara que tu não fica em Pelotas. Então, eu consegui porque ele tinha tapado os pés! (risos). [O Engenheiro perguntou] – De onde a senhora é? – Pelotas. – Quer ficar em Pelotas? – Ah eu quero! – Então tá, vai pra Pelotas. Aí fiquei 21 anos trabalhando na estação. Entrei em 1976 e saí... Ai! Em 1997.” (NEIDA – 04/11/2016)

Pode-se dizer que os argumentos utilizados para “assustar” Neida são formas de imputar a ela as exigências do que, simbolicamente, seria considerado um trabalho de caráter masculino e, ainda, enfatizar sua inabilidade em realizá-lo, pelo fato de ser mulher. Estas características são, por exemplo, a valentia e a coragem de enfrentar os perigos que surgem do mato, um reino do semidesconhecido e do semicontrolado, como ensina DaMatta (1997)<sup>12</sup> a autonomia e autossuficiência do “estar sozinho”. A própria condição de estar sozinho é simbolicamente valorizada de forma distinta, quando relacionada ao

---

<sup>11</sup> O Guarda-Chave, ou “Manobrador” é o trabalhador que manipula as chaves para mudança de linha, assim um trem pode trocar de uma linha para outra, fazer desvios, etc.

<sup>12</sup> De acordo com Roberto DaMatta, “é na rua e no mato que vivem os malandros, os marginais e os espíritos, essas entidades com quem nunca se tem relações contratuais precisas” (DAMATTA, 1997, p.95).

gênero: com homens “estar sozinho” é um sinal de bravura e indica alguém que tem capacidade de resolução de problemas, a mulher, quando sozinha, é vista em situação de fragilidade.

Na narrativa de Neida me interessou particularmente a possibilidade de apresentar as diferenças entre os gêneros a partir da percepção da narradora de sua própria condição e de autorreflexão sobre sua trajetória. O gênero tem peso importante na constituição de sua identidade de trabalho, negociada socialmente: “Eles te assustavam tudo que podiam, que era para ti não fazer! Principalmente mulher, né?”. Neida, ao dar “conta de sua posição no mundo” sendo conduzida narrativamente “pelo pesquisador a um tema-objeto” (DÍAZ, 1999 p. 38) (o trabalho ferroviário) enfatiza e traz o gênero para o debate.

Assim, é possível entender o movimento narrativo de Neida de, como afirma Vena Das, inserir os signos nocivos um processo de domesticação e de “re-narração” (DAS, 2011, p.11). Para Neida, as pressões, as formas de assustá-la ao entrar na ferrovia, “foram boas” para a tornar despreocupada, mais tranquila e saindo “vitoriosa”, ao final: “Bom, já tava lá, já tinha arrumado o papel, fui fazer. Mas foi bom porque que aí eu fiz o concurso sem aquela vontade “ah eu quero passar. ”

Quando perguntei para Neida o que gostava e não gostava de seu trabalho, a resposta também está regida por este pertencimento a condição e as contradições do “ser mulher ferroviária”:

Não sei, eu gostei, eles sempre me respeitaram muito. Eu lembro que um dos meus irmãos, quando eu fui trabalhar, eu a única mulher né? – Ah, vai ficar só tu no meio de homem! - Tá, e aí? E, graças à Deus, assim, se algum, logo no início, tentou fazer uma gracinha, eu me coloquei no meu lugar. Mas, também, aquilo foi tranquilo. E até hoje as famílias deles, também. Que aí depois entrou o plano de saúde, ‘Plansfer’, aí quem ficou responsável pelo plano de saúde? A Neida. Parte burocrática tudo era a Neida, né? Eu que fui atrás dos médicos pra fazer convênios, os laboratórios, tudo era através de mim. Também o plano de saúde era eu que tinha que dar requisição. Aí a família teve também mais contato comigo. Então foi sempre muito tranquilo (NEIDA, 04/ 11/2016).

Enquanto trabalhadora ferroviária, ela transitou pelo mundo do público, da “gracinha” e também pelo privado, “da família”, realizando múltiplas negociações. Quando manipulou narrativamente uma distinção entre “Ela” e “Eles”, se evidenciou o protagonismo de se “colocar no seu lugar”. Narrativas como esta, vão em direção da afirmativa de que a “base da relação antagônica entre as classes era fundamentalmente

insuficiente para mostrar a opressão sofrida pela mulher” (HIRATA & KERGOAT, 1994, p.94).

Em outros momentos da narrativa a drástica divisão (Ela/Eles) foi mais diluída, como quando Neida me contou das brincadeiras que fazia com seus colegas, por exemplo, quando juntos, riam de um trabalhador surdo: “Ele ficava ao dia inteiro lá na dele, na frente do jornal, quando não tinha nada que fazer né? E aí a gente conversando, fervendo, e ele nem aí(...)”. A construção de si mesmo, lidando com essa contradição de ser “ferroviária”, se dá, prioritariamente, na terceira pessoa: “a Neida” substitui “eu”. Nestas circunstâncias, posso dizer, junto com Desjarlais, que o “eu narrador” encontra o “eu narrado” (DESJARLAIS, 2003, p.109).

## **4.2 – Orlando**

Escutei diversas vezes Orlando Chagas contar sobre sua entrada na profissão ferroviária e já registrei esta narrativa em meu trabalho de conclusão de curso. Esta repetição encadeia um tema teórico, proposto Jacques Le Goff (1990), no que concerne as características da memória oral. A atividade mnésica oralizada tem diferenças da memória escrita, principalmente no que tange aos seus mecanismos de reconstituição. Enquanto na escrita recompomos os acontecimentos passados “palavra por palavra”, mecanicamente, em uma memória transmitida pela oralidade estamos aptos a uma reconstituição do passado com “mais liberdade e mais possibilidades criativas” (LE-GOFF, 1990, p.371). Além disso, como ensinam Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert (2013), as entrevistas biográficas com os habitantes das cidades, que intentam captar suas memórias do vivido, dependem do contexto daquele determinado encontro etnográfico “intersubjetivo e historicizado” (ROCHA & ECKERT, 2013, p. 118). Estes encontros são tanto situações individuais de entrevista (pesquisador e pesquisado, sozinhos, com o gravador), como reuniões de grupos, *conversas de bar, de bairro, de esquina e de portão*, apresentações formais, em suma, uma ampla gama de situações vividas em condição de observação participante, durante o trabalho de campo, que possibilitam múltiplas formas de recordar daquele mesmo tema, trecho de trajetória, evento traumático, etc.

Enfocarei dois encontros etnográficos dos quais participei na presença de Orlando Chagas. Neles, o tema do ingresso na profissão foi discutido e apresentado, sendo o *acaso* uma imagem narrativa constante. O primeiro destes encontros ocorreu durante o trabalho de campo em 2015. Eu havia marcado uma entrevista com Nando na Delegacia do

Sindicato Ferroviário e preparado um roteiro de questões. Perguntei pra ele o que havia achado de sua participação no MEF, ele disse que poderia falar ainda “muito mais coisas”, e iniciou sua narrativa assim: “não sei se te falei quando eu entrei na ferrovia?”

Quando eu entrei na ferrovia, logo depois que eu tinha casado. Casei em 1980 e entrei em 1983. Então eu não tinha muita noção de dinheiro. Pegava dinheiro, era novo, pegava o dinheiro já gastava. Quando eu entrei pra ferrovia tinha comprado uma televisão a cores, na época, bah! Fiz uma loucura e comprei uma televisão a cores. Pagava em 24 vezes, 120 pila, que horror de dinheiro era! Ela tava atrasada uns 6 meses. Aí fiz concurso, não sei se te falei quando eu entrei na ferrovia? Quando eu entrei na ferrovia, trabalhava no táxi. Aí um rapaz ali, chegou: “vamo fazer uma corrida para Rio Grande? Me pega aqui às 10 horas da noite que eu vou me inscrever num concurso lá”. Aí fui lá, falei com meu patrão: ó vou levar um cara a Rio Grande, não sei se volto hoje, periga voltar amanhã de manhã. “Tá, não tem problema.” Aí fomos, chegamos lá, aquela fila de gente na frente da estação. E eu ali, com meus documentos, nem tava aí, dormindo dentro do carro. 150 inscrições. Aí disseram: Tá, tem dez aqui, esses aqui são os últimos dez, o resto pode ir embora. Daí todo mundo foi embora e ficou aqueles dez ali. Aí entrou cinco. Aí saíram aqueles cinco, entrou mais cinco. Quando vê, vem o guarda ali na frente, ó esses 5 esqueceram do histórico, tem mais alguém que quer? Aí bah... Desci do carro: Que que precisa? Isso, isso e isso. Tá eu tenho aqui, aí fui fazer a prova. E eu numa porcaria rapaz, bah! Tava desempregado, casado, devendo uma vela pra cada santo, um pacote pra Deus. Prestação da TV atrasada. Aí cheguei, prestei o concurso. Continuei a trabalhar no táxi, mas no táxi era trabalhar de noite para comer de dia. Aí fiz concurso no correio. Depois de um ano, me chamaram, na ferrovia. Aí tô recebendo exame lá e recebendo treinamento pra pegar no serviço... O correio me chamou! Aí fiquei escolhendo. Meu pai disse assim, fica na ferrovia, que tu te aposentas, lá só sai da ferrovia se tu roubar um trem e se roubar não tem onde esconder. Lá tu não sai mais, só precisa não faltar o serviço. Aí fiquei na ferrovia, fazendo os cursos lá em Porto Alegre. Mulher contente, toda a família, meu sogro contente, empregado ferroviário, naquela época ferroviário era famoso. Tá, chegou no treinamento os caras me deram. 500 reais, era dinheiro, tchê! Há! Eu acho que ganhava o salário mínimo acho que era 100 e poucos reais. Mas baseando hoje, um cara que nunca tinha pegado em dinheiro grande na mão. Ah, paguei a televisão na hora! Mandeí dinheiro pra mulher. Fiquei com uma parte para fazer umas festas lá (risos). Aí na outra semana veio mais dinheiro, aí vinha dinheiro que nem sei da onde vinha dinheiro.

“Salário não era dos piores, nós ganhava dois salários mínimos, acho... na época... e as vantagens, rapaz? Tinha um ticket, tinha ajuda farmácia, ajuda creche, ajuda pra estudar, ajuda criança, que, no fim, o cara ganhava quase cinco salários mínimos. Nunca atrasava pagamento. Era bom, a Rede era bom. Mas aí acabou (NANDO 18/09/15).

O acaso se apresenta tanto na figura do jovem que busca uma corrida de táxi como nos trabalhadores que esquecem seus documentos. Esta combinação de acontecimentos é o que conduz Nando à profissão ferroviária. Estar em uma situação limite “desempregado,



casado, devendo uma vela pra cada santo, um pacote pra Deus”, é representada narrativamente com certa despreocupação de “estar nem aí”, dormindo no carro.

Logo após a aprovação, a nova condição de ferroviário é negociada dentro do núcleo familiar, sob a égide do prestígio que a categoria dispunha naquele momento. A recomendação do pai e a satisfação da mulher e do sogro, enfatizam o caráter de longa duração da carreira ferroviária (“lá tu te aposentas”, “lá tu não sai mais”). Refletindo sobre a manifestação de “motivações” em contextos etnográficos urbanos, diria que a categoria *estabilidade* é fundamental para entender a opção pela ferrovia, em diferentes trajetórias narradas apresentadas ao longo do texto.

A segunda situação se deu com a nossa participação no programa “Nós Nosotros, Antropofonias e Charlas da Radio Comunitária de Pelotas” (RadioCom), coordenado por Glenio Rissio, contou com a participação dos ferroviários aposentados Rubem Medeiros e Orlando Chagas. Orlando abriu o segundo bloco, que consistiu em diálogos sobre as trajetórias dos trabalhadores aposentados que ali estavam:

Quero falar que, quando eu iniciei na ferrovia eu estava, em 1981, logo após ter casado, eu trabalhava no táxi. Desempregado, trabalhando só a noite. Eu andava meio desorientado, serviço de táxi não tinha assinado a carteira. Ia na ferrovia e eles diziam, vai sair concurso, vai sair concurso, mas eu nunca soube nada de concurso. Em junho, julho eu tava no ponto e táxi quando vê chega um rapaz, que morava ali nas imediações, filho de ferroviário: será que dava pra ti me levar em Rio Grande hoje, lá pelas 11, meia noite, que meia noite tem inscrição da ferrovia em Rio Grande, que era a sede da SR6, a ferrovia na época era dividida em cinco “Ss”, e na SR6 tinha concurso. *Como eu procurava, procurava serviço, eu andava com todos os meus papéis*, aí saí. Fui levar ele, meia noite saímos lá pra Rio Grande. Ele ficou na fila e eu fiquei dormindo esperando ele, que eu teria que levar ele de volta. Aí quando abriu a ferrovia, às 7 horas da manhã. Aí entraram todas as pessoas, 150 inscrições só que eles iam fazer. Fiquei esperando o rapaz, fiquei na frente da estação. Dali a pouco saiu oito caras, aí o guarda da ferrovia falou assim, ó esses oito não trouxeram histórico escolar e surgiu novas vagas, se alguém quiser se inscrever. Aí eu fui, fui e me inscrevi. Chegou na hora, o rapaz que teve que ficar me esperando, eu que fiz as provas e eu que fiquei na ferrovia e ele não ficou. Aí eu fiquei, fiz todo o processo da ferrovia, fiquei todo o tempo. *Não era filho de ferroviário, só tinha um tio que era ferroviário e aí fiz toda minha trajetória na ferrovia*. Fui lotado em Rio Grande, fiquei em Rio Grande depois viajei todo o estado. Depois quando tava quase me aposentando, quando passei pra Sul Atlântica, eu viajei todo o Brasil. Tô aqui agora tentando ajudar o memorial da ferrovia, com o pouco de experiência que tenho de ferroviário (NANDO – 16/12/2017 [grifos meus]).

Nessa narrativa, tive a oportunidade de conhecer a história de Nando em uma situação mais “pública”, de apresentação de si mesmo para um grupo e também para os ouvintes da rádio. Nela, algo que não fica claro no primeiro encontro etnográfico se explicita mais detalhadamente: os documentos, na primeira situação, quase fazem parte de uma forma narrativa mais ampla do acaso, são mencionados rapidamente, não omitidos, pois fazem parte do sucesso do acaso. Eles já são contextualizados, existe uma razão de ser para estarem ali e terem permitido à Nando fazer o concurso: “*Como eu procurava, procurava serviço, eu andava com todos os meus papéis*”. A situação de precariedade do emprego pré-ferrovia organiza um conjunto de ações por parte do ator que o tornam *disponível* a ação do acaso.

Enfatizar o não pertencimento a uma geração ferroviária é destacar sua individualidade por meio do mérito (“eu que fiquei na ferrovia e ele não ficou”). O prestígio de viajar por todo o Brasil, como signo de um projeto laboral bem-sucedido, também é ressaltado.

Ambos, Neida e Nando, se apresentaram enquanto o que chamei de “ferroviários por acaso”. Busquei situar este acaso no contexto de cada narrativa e como ele aciona uma maneira de contar a própria história, trazendo a reboque valorações e distinções perante o “modo clássico” de reprodução da mão de obra ferroviária. Em Neida, o acaso do ingresso na profissão também é revestido pelas dificuldades de ser ferroviária, mulher. Como apresentei antes, a hereditariedade da condição ferroviária não ignora o gênero, pelo contrário, prioriza uma linhagem masculina do talento. Assim, Neida se apresenta integrando uma dupla condição excepcional, de não herdar a profissão e de ser mulher.

Em Nando, o acaso representa a mudança drástica de uma condição para outra. Se tornar ferroviário, para ele, cria uma nova relação com o dinheiro e permite aquisição de “respeito” no interior da família, possibilitado pelo prestígio profissional. Sua trajetória narra um projeto de ascensão social, da situação precária e da dívida para as viagens por todo o Brasil.

Cabe destacar que, apontar para o acaso como motivo da inserção na profissão ferroviária não é uma posição ingênua: é de conhecimento geral entre os interlocutores a existência de uma determinada “cultura ferroviária” na qual predominava uma forma de admissão dos trabalhadores baseada em valores familiares. O acaso pode ser interpretado como uma crítica, da ordem do cotidiano, a aquele modelo paternalista de empresa. É no ato narrativo de enfatizar uma maneira de inserção destoante do modelo conhecido, que

se opera a construção de uma identidade singular, ferroviária, mas organizada a partir de outros valores.

## **5 - Entre acasos e heranças: palavras finais**

Neste texto, tentei evidenciar a pluralidade de narrativas familiares das quais fizeram uso os interlocutores para dar conta de uma reflexão retrospectiva sobre seu ingresso na profissão. Os personagens que compõem a constelação do “sangue ferroviário” auxiliaram a pensar um clichê bibliográfico e empírico: a herança de um talento profissional baseado no sangue e na sucessão geracional. Tento conduzir uma crítica teórico-etnográfica desta narrativa hegemônica, evidenciando, por exemplo, que as heranças, os talentos e os quadros sociais da memória coletiva ferroviária não estão necessariamente vinculados às suas reproduções no mundo do trabalho, fluem para a efeméride da vida cotidiana e resgatam uma memória afetiva.

Foi pela voz de uma mulher, Anabela, que eu percebi que “ser ferroviário” se expandia enquanto referência identitária, se desprendendo da narrativa masculina e herdada. Para a narradora, “ser ferroviário” se situa na ambiguidade da desigualdade de posições de gênero: ser de uma família ferroviária era um valor e uma distinção – no qual o cultivo da memória “do outro” (pai ou marido) é constitutivo da memória de si mesma – porém, os projetos de continuidade foram frustrados. A balança “nós-eu” (ELIAS, 1994) oscilou, entre “ser ferroviário” e “ser mulher”. Já a fala de Rubem, evidencia que mesmo nas narrativas que mais facilmente se associaram a reprodução de uma posição social, existem uma pluralidade de motivações, restrições e percalços se colocaram diante dos atores em sua caminhada em direção à profissão ferroviária

Sobre os *ferroviários por acaso*, tratei de analisar um verdadeiro contrassenso da reprodução familiar da ocupação profissional. Esta figura narrativa aposta no que é uma antítese das maneiras de ingresso tradicionais. Se, para as famílias ferroviárias, trabalhar na ferrovia era um projeto central, reivindicar o acaso, seguido de um “nunca tive ferroviário em minha família” significa afirmar-se enquanto alguém que se apropria do inesperado e se destaca individualmente.

As trajetórias de Neida e Nando, apesar de convergirem em torno desta forma narrativa de apresentar a si mesmo, possuem suas particularidades que não foram ignoradas. Em Neida, vimos o inesperado como fagulha inicial do ingresso na profissão ferroviária marcado pelas posições diferenciais de gênero. Ter chegado ali “por acaso”, sem parentes na ferrovia e ainda sendo de uma minoria de gênero no interior da profissão,

é enfaticamente ressaltado pela narradora. Em Nando, interpretei o acaso narrado nas repetições da narrativa, enquanto iam alterando-se os públicos e ouvintes daquela obra da memória criativa.

## Referências

AMORELLI, Lara Caracciolo. *Cultura organizacional e relações de poder: Mapeando a Rede Ferroviária Federal S.A., em liquidação*. Dissertação apresentada à escola brasileira de administração pública e de empresas para obtenção do grau de mestre Fundação Getúlio Vargas, 2003.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

AUGÉ, Marc. *Os domínios do parentesco: filiação, aliança matrimonial, residência*. Lisboa: Edições 70, 2003

BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.

BOURDIEU, Pierre. “Apêndice. O espírito da família”. In: *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Papirus Editora, 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: artes de fazer (Vol 1)*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1994.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAS, Veena. *O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 37, p. 9-41, Dec. 2011.

DESJARLAIS, Robert. *Sensory biographies: lives and deaths among Nepal's Yolmo Buddhists*. University of California Press, 2003.

DIAZ, Raul. *Personaje e identidad narrativa: una aproximación metodológica*. Revista Horizontes Antropológicos, numero 12, ano 1999.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa, Perspectiva, 1980.

ECKERT, Cornelia. *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)* Curitiba: Appris, 2012.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 1994.

GÓMEZ, Guillermo Stefano Rosa. *Etnografia da Crise e da Duração Ferroviária em Pelotas: Um estudo antropológico de memória coletiva*. 238 f. Dissertação (Mestrado) -

Curso de Antropologia Social, IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/179424>>.

\_\_\_\_\_. Guillermo Stefano Rosa. *Vida e Trabalho de uma Ferroviária: Etnografia, Memória e Gênero*. Anais Eletrônicos do Fazendo Gênero 11. 2017

Disponível em:

[http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499991017\\_ARQUIVO\\_GOMEZ,G.S.R.-Vidaetrabalhodeumaferroviariaf.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499991017_ARQUIVO_GOMEZ,G.S.R.-Vidaetrabalhodeumaferroviariaf.pdf)

GÓMEZ, Guillermo Stefano Rosa; MAGNI, Claudia Turra. *Entre “Tucos” e “Bochas”: A potência fabulatória dos apelidos de ferroviários aposentados na cidade de Pelotas/RS*. Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia, v.1, n. 1, p. 101-116, março de 2017. ISSN 2526-4702. Disponível em:

<<http://www.cchla.ufpb.br/grem/sociabilidadesurbanas/SocUrbs%20TURRAartigo.pdf>>.

HANNERZ, U. *Explorando a cidade: Em busca de uma Antropologia Urbana*. Petrópolis: Vozes, 2015.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HERZFELD, Michael. *A produção social da indiferença: explorando as raízes simbólicas da burocracia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HIRATA, Helena & KERGOAT, Daniele. *A classe operária tem dois sexos*. Estudos feministas, n.1, 1994

HOBSBAWM, E. *Mundos do trabalho: Novos estudos sobre a história operária*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HULL, Matthew. “Documents and bureaucracy”. *Annual Review of Anthropology* 41: 251-267, 2012a.

JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LATOUR, Bruno: *Reagregando o Social: introdução a teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba, 2012.

LE GOFF, Jacques. *Memória*. In *História e memória*. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE LOPES, José Sérgio. *O vapor do diabo: o trabalho dos operários de açúcar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

LIMA, Rogério Mendes de. Uma categoria fora dos trilhos: reflexões sobre a crise de identidade entre os ferroviários do Rio de Janeiro. In: SANTOS, José Vicente T. dos et al. (org.). *Transformações no trabalho no século XXI*. Pelotas: Educat, 2003. p. 49-77.

- LORD, L. *Nascidos na beira do trilho: um estudo antropológico na Vila dos Ferroviários* - Porto Alegre. Revista Iluminuras v. 3, n. 5 (2002).
- NUNES, Teresa Cristina de Oliveira. *Gestão de pessoas em organizações em processo de transformação: a experiência da Rede Ferroviária Federal em liquidação*. 2003. 218 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração de Empresas, FGV, Rio de Janeiro, 2003.
- ORTNER, Sherry B. *Dark anthropology and its others theory since the eighties*. Hau - Journal of Ethnographic Theory. Vol 6, nº 1, 2016. [on line]
- PALERMO, Hernán. *La producción de la masculinidade em el trabajo petrolero*. Buenos Aires: Biblos, 2017.
- RAPKIEWICZ, Yuri S. & ECKERT, Cornelia. Entre trilhos e temporalidades: o tempo do trabalho nas memórias dos ferroviários aposentados de Porto Alegre. In: Cornelia Eckert, Ana Luiza Carvalho da Rocha. (Org.). *Etnografias do Trabalho Narrativas do Tempo*. 1ed. Porto Alegre: Pallotti, p. 276-303, 2015
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994.
- RICOEUR, Paul. O si e a identidade narrativa. *O si-mesmo como um outro*. Campinas, Papyrus, 1991.
- RICOEUR, Paul. O esquecimento. In: *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, Ed. Unicamp, 2007.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho e ECKERT, Cornelia. *Etnografia da duração*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013
- RODRIGUES, Arakcy Martins. *Operário, Operária: estudo exploratório sobre o operariado industrial da Grande São Paulo*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- SANTOS, Miriam de Oliveira & ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *FERROVIAS, ETNICIDADE E PROCESSOS MIGRATÓRIOS: ascensão social e alteridades no mundo do trabalho*. Revista Política&Trabalho n. 37, Outubro, 2012.
- SCHUTZ, Alfred. In: WAGNER, Helmut R. (Org. e Introdução). *Fenomenologia e relações sociais. Textos (escolhidos de Alfred Schutz)*. RJ, Zahar, 1979.
- SEGNINI, Liliana. *Ferrovia e Ferroviários: Uma contribuição para a análise do poder disciplinar na empresa*. São Paulo: Cortez, 1982.
- SPIVAK, Gayatri Chakravosrty. *Pode o subalterno falar?* Belo horizonte, Editora da UFMG, 2014
- VAN GENNEP, Arnold. *Ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.